

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MARIANA CARDOZO ANTUNES

**A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES FILÓSOFAS NA
EDUCAÇÃO**

RECIFE

2023

MARIANA CARDOZO ANTUNES

**A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES FILÓSOFAS NA
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Érico Andrade

Co-orientadora: Prof. Juliany Tôrres

RECIFE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Antunes, Mariana Cardozo.

A importância da representatividade de mulheres filósofas na educação /
Mariana Cardozo Antunes. - Recife, 2023.

16p.

Orientador(a): Érico Andrade Marques de Oliveira

Cooorientador(a): Juliany Thainá Tôres de Lira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia -
Licenciatura, 2023.

Inclui referências.

1. Filosofia. 2. Educação. 3. Ensino Médio. 4. Mulheres. 5. Filósofas. I.
Oliveira, Érico Andrade Marques de. (Orientação). II. Lira, Juliany Thainá Tôres
de. (Coorientação). IV. Título.

100 CDD (22.ed.)

A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES FILÓSOFAS NA EDUCAÇÃO

The importance of the representation of women philosophers in education

Mariana Cardozo Antunes

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Neste artigo, investigamos a importância da representatividade de mulheres filósofas na educação, refletindo acerca do que pode ser feito para que as barreiras do silenciamento feminino na Filosofia sejam quebradas, especialmente na disciplina de Filosofia do ensino médio. Para tal, evidenciamos a nossa herança patriarcal, buscando compreender as principais diferenças entre mulheres e homens no que diz respeito ao pensamento filosófico, bem como investigamos a história do acesso à educação das mulheres. Também observamos o PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) de filosofia de 2018 e de 2021, buscando trazer comparações entre as citações e referências feitas às mulheres e aos homens nos materiais de filosofia do ensino médio. Por fim, a pesquisa conta com uma revisão bibliográfica sobre o tema, utilizando dados coletados em outros documentos.

Palavras-chave: Filosofia; Educação; Ensino médio; Mulheres; Filósofas.

ABSTRACT

In this article, we investigate the importance of representation of female philosophers in education, considering what might be done so that the barriers of female silencing in Philosophy are broken, especially when it comes to the subject Philosophy in high school. For that, we highlight our patriarchal heritage, aiming to understand the main differences between women and men concerning the philosophical thought, we investigate as well the history of the access of women to the educational system. We also remark the PNDL (National Schoolbook Program) of philosophy from 2018 and 2021, aiming to bring comparisons concerning the citations and references made to both women and men in the philosophy books from high school. Finally, the research considers a bibliographic review about the subject, with data collected in other documents.

Key words: Philosophy; Education; High School, Women; Female Philosophers.

1. INTRODUÇÃO

O pensamento filosófico sempre contou com a produção intelectual de homens. Na história da filosofia, as mulheres que ousaram pensar e produzir ideias, nunca foram levadas em consideração. A elas era negado esse direito de, simplesmente,

pensar, por ser algo que só os homens eram capazes de fazer. O modo como os filósofos tratavam as mulheres é suficiente para entendermos a situação. Exemplificamos:

Platão no *Timeu* (41d – 42d) ameaça os homens que se portaram mal nesta vida com o castigo de reencarnarem num corpo de mulher; Aristóteles sustenta que a fêmea é um macho mutilado (*Geração dos Animais*, 737a 24-25); Espinosa recusa a participação das mulheres num governo democrático e constata sua “imbecilidade” (*Tratado Político*, XI, §4); Kant considera difícil a passagem das mulheres à maioria intelectual (Resposta à pergunta: que é o Iluminismo?); Nietzsche afirma que até na cozinha a mulher é estúpida (*Para Além do Bem e do Mal*, §23) (FERREIRA, 2016, p. 130).

Como podemos perceber, a subalternidade feminina sempre foi tratada com muita naturalidade. Se as mulheres não são boas em nada que fazem, na filosofia não seria diferente, levando em consideração que, desde Sócrates, a maiêutica é o parto das ideias que cabe aos homens, enquanto às mulheres cabe apenas o parto do corpo. (TIBURI, 2008).

O apagamento e silenciamento de mulheres, fruto da nossa sociedade patriarcal, gerou consequências que até os dias de hoje precisamos lidar. Salvo raras exceções, ao longo da nossa educação, na disciplina de filosofia, sequer ouvimos falar sobre mais de uma filósofa. A falta de representatividade feminina fica evidente tanto na ausência de professoras mulheres quanto na ausência quase que total de filósofas nos livros didáticos de filosofia.

Nesse artigo, se faz necessário resgatarmos de onde surge o silenciamento feminino, as suas consequências para a educação e a importância da mudança de pensamento filosófico, político e cultural. Aqui, damos importância especial aos livros e materiais didáticos, buscando enfatizar a discrepância entre homens e mulheres filósofos na educação. Por fim, buscamos compreender como é que podemos fazer, a partir de hoje, para que as filósofas tenham, cada vez mais, lugar na filosofia e para que suas vozes sejam ouvidas e amplificadas.

Para que todo o proposto até aqui tenha resultados, a pesquisa contará com uma revisão bibliográfica sobre os assuntos: Mulheres na Filosofia; Patriarcado; PNLD (Programa Nacional de Livros e Materiais Didáticos); Representatividade; Educação; Escola; e por fim, o futuro da Filosofia feita por Filósofas.

2. A PRESENÇA DE MULHERES NA FILOSOFIA – FILÓSOFAS

A história das mulheres na filosofia perpassa, evidentemente, pela história da nossa sociedade e pelo modo como as mulheres sempre foram tratadas nela. Compreendermos quais são as origens e as construções da nossa sociedade, bem como o que aconteceu para chegarmos até aqui, nos permite percebermos também o que podemos fazer para mudar a realidade que vivemos.

A grande maioria dos pesquisadores que estudam sobre as desigualdades de tratamento entre homens e mulheres na nossa história, apontam para o patriarcado como o grande responsável por isso. Patriarcado aqui é posto como um sistema de dominação e exploração das mulheres, que é construído historicamente (e não biologicamente) e que, portanto, só pode ser mudado através da história.

Temos que:

O uso de patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais. (MORGANTE, 2014, p.3)

Algumas são as discussões sobre a origem do patriarcado, mas no que diz respeito às suas consequências, vale destacarmos: desigualdade de gênero – hierarquia entre os homens e as mulheres -; violência contra as mulheres - sendo ela física, psicológica, simbólica ou estrutural -; e estereótipos de gênero – impondo papéis e expectativas sociais para cada gênero.

No contexto da Filosofia, o patriarcado também sempre esteve presente. Vale ressaltarmos que as mulheres, por muito tempo, desde a Grécia Antiga, sequer eram consideradas cidadãs. Como seria possível a elas, então, produzir obras filosóficas? No entanto, de maneira alguma isso significa que os pensamentos e as produções não existiam, mas sim que eram invisibilizados.

As mulheres tiveram (e ainda tem) muitos empecilhos para serem validadas. Como exemplo, tivemos a exclusão das mulheres da educação formal e do acesso aos livros e às bibliotecas, que perduraram por muito tempo. Muitas mulheres filósofas

precisaram estudar de forma autodidata ou recorrer a mentores masculinos para se instruir, o que as colocava em desvantagem em relação aos homens nesse quesito.

Além disso, temos que levar em consideração que cabia a elas, e apenas a elas, cuidar da casa e dos filhos. Dessa forma, muitas tiveram que abrir mão das suas carreiras para se dedicar às suas famílias. Com quem elas deixariam seus filhos enquanto estavam estudando? Não era viável. Os papéis sociais de cada um eram muito bem delimitados, não havendo como elas se absterem dessa função.

Muitas vezes, também, as obras das mulheres filósofas foram plagiadas ou atribuídas a homens, como é o exemplo de Hypatia de Alexandria. Ela foi uma das primeiras matemáticas e astrônomas da história e escreveu vários comentários sobre as obras de Euclides, Diofanto e Ptolomeu, mas muitos deles foram atribuídos ao seu discípulo Sinesius de Cirene, que os copiou sem lhes dar os créditos.

Para a maioria dos pesquisadores, Safo de Lesbos (do período pré-socrático) foi a primeira filósofa ocidental que temos registros escritos. Considerada filósofa e poetisa, Safo tem em suas obras uma variada gama de assuntos, que perpassam tanto as preocupações que estavam sendo discutidas por filósofos na época, quanto por preocupações femininas.

Isso quer dizer que esta primeira filósofa se preocupava com o amor ao saber e a transmissão desse saber; com as perspectivas universais da vida, envelhecimento e morte; a crítica ao senso comum, propondo uma ação que oriente nossas vidas; e por último, a própria ação. Safo também fala de mulheres para mulheres, sobre beleza, casamento e virgindade, evidenciando que a filosofia pode ir e vai muito além do que os homens falam e escrevem. (SANTORO, 2020)

No entanto, vale ressaltar que:

Assim, como não foram os sujeitos do sexo feminino que escreveram e discursaram sobre si durante muitos séculos, ou tiveram seus dizeres e escritos apagados/excluídos historicamente, a história das mulheres e de suas produções intelectuais passa não só pelas Formações Ideológicas que refletem o pensamento de cada período histórico, como também reproduz a Formação Imaginária e Discursiva que os homens, enquanto filósofos, poetas, historiadores e cientistas, tinham acerca das mulheres. (GARCIA, 2020, p. 183)

Isso significa dizer que, como para as mulheres era negado o direito de discursar e escrever sobre si, os homens produziam a imagem que eles queriam sobre elas, dominando a história, política, cultura e sociedade como um todo. Além disso, no que se trata a filosofia, havia uma limitação de diversidade e de criatividade filosófica: Ora, se só os homens pensam, falam e escrevem para eles, é claro que os assuntos discutidos serão os mesmos, assim como os métodos, os estilos e os autores considerados relevantes. Precisamos mudar isso, não é?

3. A EDUCAÇÃO FORMAL DAS MULHERES E A FILOSOFIA NO BRASIL

A luta das mulheres pela educação formal, no Brasil e no mundo, perpassou por inúmeros processos e lutas. A luta pelo direito ao ensino superior também. Nesse contexto, vamos começar destacando a filósofa Mary Wollstonecraft, que publicou em 1792 a obra: “Reivindicação do Direito das Mulheres”, sendo influenciada pela Revolução Francesa. Vale ressaltar que até aquele momento, ou seja, século XVIII, ainda era discutido sobre a existência da racionalidade das mulheres.

Mary Wollstonecraft explora, entre outros temas, os motivos da opressão das mulheres, discute o matrimônio, a virtude, a ética, a responsabilidade dos pais, a instrução pública, e coloca em destaque a necessidade das mulheres terem uma educação formal (negada até então). Ela também reivindica que as mulheres tivessem voz no Parlamento, numa época em que nem sequer as mulheres podiam votar. (FARHERR, 2017)

Critica ela:

Contudo, Rousseau e a maioria dos escritores masculinos que seguiram seus passos, calorosamente inculcaram que toda a tendência da educação feminina deve ser direcionada para um ponto: torná-las agradáveis. [...] Para ganhar os afetos de um homem virtuoso, o fingimento é necessário? A natureza deu à mulher uma estrutura física mais fraca que a do homem; [...] A fraqueza pode estimular a ternura, e gratificar o orgulho arrogante do homem, mas os afagos insolentes de um protetor não gratificarão uma mente nobre que pede e deseja ser respeitada. [...] Além disso, a mulher que fortalece seu corpo e exercita sua mente irá, ao administrar sua família e praticar várias virtudes, tornar-se uma amiga, e não a dependente humilde de seu marido (WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 52 a 54).

Apesar de Mary Wollstonecraft publicar o seu livro e defender os direitos das mulheres, principalmente no que se refere à educação, o processo de educação formal das mulheres foi longo. Foi apenas no século XIX que alguns países começaram a permitir que as mulheres frequentassem o ensino básico e o ensino superior, mas ainda com muitas restrições e discriminações.

No século XX, com o advento das duas guerras mundiais e dos movimentos feministas, as mulheres conquistaram mais espaço na vida pública e na educação. Elas passaram a reivindicar não só o direito de estudar, mas também o direito de votar, trabalhar, participar da política e decidir sobre seus próprios corpos. Como todo processo social que envolve mulheres, como já falamos, as tarefas não foram fáceis e as conquistas foram fruto de muitas lutas.

No Brasil, as mulheres conquistaram o direito de frequentar o ensino básico em 1827, a partir da Lei Geral, promulgada em 15 de outubro. Essa lei também permitiu a criação de escolas de primeiras letras para meninas, mas com um currículo diferente do dos meninos. Antes disso, como já colocamos aqui, as mulheres eram descartadas da educação, e não tinham acesso à leitura e à escrita. (Polícia Rodoviária Federal, 2023)

O direito de frequentar o ensino superior foi concedido às mulheres apenas em 1879, mas com algumas restrições: as candidatas solteiras tinham que apresentar licença de seus pais e as casadas tinham que ter o consentimento por escrito de seus maridos. Já o ensino superior de filosofia no Brasil teve início apenas no século XX, com a criação de algumas faculdades e cursos que se dedicavam ao estudo e à pesquisa filosófica.

Porém, esse curso era destinado principalmente aos homens, pois as mulheres, como já vimos, enfrentavam muitas barreiras para ingressar na universidade. Apesar da enorme discrepância entre homens e mulheres no curso, a primeira mulher brasileira a se formar em filosofia foi Maria Carolina Ribeiro, em 1911, pela Faculdade de São Bento, apenas um ano depois do primeiro homem se formar na mesma faculdade em Filosofia.

Evidentemente, como toda a história nos mostra, as mulheres sempre tiveram muito mais dificuldade que os homens para se educar, se formar e trabalhar como

acadêmicas. Assim, dados de uma pesquisa feita em 2018 nos chamam atenção. O artigo intitulado “Quatorze anos de Desigualdade: Mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017”, da pesquisadora Ana Carolina, revela que, na Filosofia, as mulheres são minoritárias em todos os níveis de formação, desde a graduação até o doutorado.

Elas representam, em média, 36,44% dos graduandos, 30,6% dos mestrandos e 26,98% dos doutorandos. E entre os professores de pós-graduação, apenas 20,14% são mulheres. Esses dados mostram que há uma queda na participação das mulheres conforme a carreira avança. Em média, as mulheres têm menos da metade das chances dos homens de seguir na carreira.

Comparando dois casos específicos - alunos que entraram na graduação em 2005 e 2008 - o estudo aponta que a probabilidade de sucesso na carreira para as mulheres em 2005 era de metade da dos homens, e que em 2008 era de menos de 40%. Portanto, no Brasil, a desigualdade entre homens e mulheres na Filosofia aumentou ao longo dos 14 anos analisados. (ARAÚJO, 2019)

Esses dados, apesar de um pouco antigos, são significativos para essa nossa pesquisa. Nenhum outro dado mais atualizado foi encontrado, nos fazendo questionar se agora, em 2023, houve uma virada nesse processo ou não. Como vamos ver no próximo tópico, mais filósofas estão sendo conhecidas, mas será que mais mulheres estão, também, se formando em filosofia?

4. A DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO BRASIL, O NOVO ENSINO MÉDIO E SEU MATERIAL DIDÁTICO

Com a independência do Brasil, em 1822, a filosofia passou a fazer parte do currículo das escolas secundárias, com um caráter dogmático e religioso. Vale lembrar que até então não existia curso superior de Filosofia, ou seja, não havia filósofos capacitados para dar aula de assuntos filosóficos. Quem dava as aulas eram padres ou leigos formados em seminários ou universidades europeias.

No final do século XIX e início do século XX, o ensino de filosofia começou a se diversificar e se modernizar, passando também a integrar os cursos de formação

de professores, que seriam os responsáveis por difundir uma nova visão da educação nacional. No entanto, com o golpe militar de 1964, o ensino de filosofia foi proibido nas escolas, por ser considerado subversivo e contrário aos interesses do regime.

Somente após o fim da ditadura militar, em 1985, o ensino de filosofia começou a ser retomado nas escolas, como uma forma de promover a reflexão crítica e a cidadania dos estudantes. Em 2008, a filosofia foi reconhecida como disciplina obrigatória no currículo do ensino médio, por meio da Lei nº 11.6841. No entanto, em 2016, com a Medida Provisória nº 7462, que reformou o ensino médio, a obrigatoriedade da filosofia foi revogada, gerando muitas críticas e protestos da comunidade educacional. (COSTA, 2020)

É possível notarmos que a disciplina de Filosofia sempre foi encarada como um risco a certos políticos, na medida em que é ela, principalmente, que se encarrega de promover a reflexão dos alunos acerca da vida e, claro, da política. A quem interessa ter estudantes com reflexões críticas? E a quem não interessa? Da mesma forma: a quem interessa que as narrativas filosóficas sejam feitas apenas por homens? Desse jeito, vale investigarmos um pouco sobre os materiais ofertados para os nossos alunos.

Em uma pesquisa feita em 2019 sobre o material didático de filosofia ofertado pelo governo federal, foi possível comparar a quantidade de homens filósofos e mulheres filósofas mencionados nos principais livros de filosofia do ensino médio. Para isso, foram analisados os principais livros indicados pelo PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) em 2018.

O PNLD, realizado pelo governo federal, conta com a organização do material didático das escolas públicas. A cada ano, certos nichos etários são contemplados com novas sugestões de livros, revezando-se entre educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. No material de 2018, Filosofia contou com 4 livros principais, que juntando todos eles e comparando a quantidade de citações e referências de homens filósofos e mulheres filósofas tivemos o resultado de 95,46% para o primeiro e 4,54% para o segundo grupo.

No novo ensino médio, implementado em 2017, as matérias escolares foram divididas em grupos de conhecimentos, conforme a BNCC (Base Nacional Curricular

do Ensino Médio). Passamos a ter então as áreas: Matemática e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias.

A intenção dessa mudança foi a de tornar a abordagem dos conteúdos mais integrada e interdisciplinar, mesclando cada disciplina com as suas similares e unificando-as. Com isso, o material didático ofertado para as escolas passou a ser diferente também, visando suprir as novas demandas escolares.

O último PNLD do ensino médio, lançado em 2021, conta com o material didático dividido por áreas de conhecimento. Nele, não encontramos livros de uma matéria, como filosofia, mas sim de “ciências humanas e sociais aplicadas”. No entanto, para os professores é ofertado um material de apoio, considerado como uma formação continuada, que conta com a divisão de matérias de acordo com a especialização de cada professor.

Dessa forma, para os professores de filosofia, os livros sugeridos como base são quatro, a saber: Moderna em formação – Filosofia; Reflexões e práticas formação continuada – Filosofia; Novas Práticas para o Ensino Médio – Filosofia; e Travessias Filosóficas: Um olhar interdisciplinar para a formação no novo ensino médio – Filosofia.

Dando uma olhada nesses livros de apoio e nas suas referências, fica clara a discrepância de citações e aprofundamentos teóricos de homens e mulheres na filosofia. Em 2017 as únicas filósofas mencionadas nos livros foram Hannah Arendt e Simone de Beauvoir.

Em 2021, percebemos que nas referências indicadas pelos livros de apoio, nomes como: Nilma Gomes, Bell Hooks, Grada Kilomba, Audre Lord, Marilena Chauí, Chantal Mouffe, Lila Moritiz, entre outras foram citados. Percebemos também que política, decolonialidade e filosofia oriental estão mais presentes, mostrando uma quebra necessária do que era utilizado antigamente.

Os dados concretos do PNLD de 2018, mostram que apenas 4,54% mulheres são citadas ou referenciadas nos livros do ensino médio de Filosofia daquele ano. Já em 2021, embora não tenhamos a porcentagem exata, percebemos o aumento

desses dados. Assim, mais mulheres foram citadas e referenciadas em 2021 do que em 2018. Será que essa é uma tendência?

5. A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DE FILÓSOFAS NA EDUCAÇÃO

A representatividade de qualquer minoria se faz importante na medida em que torna possível o acesso àquele lugar que está sendo representado. Explico, trazendo para o nosso contexto de mulheres na filosofia: ver uma professora filósofa dando aula, faz com que as garotas do local percebam que para elas aquele lugar também é possível. Ou então: ter professores homens falando sobre mulheres filósofas, mostra que aquele lugar é possível tanto para mulheres quanto para os homens, e que ambos são capazes de produzir Filosofia.

Acreditamos que esse seja o maior efeito direto da representatividade nas nossas vidas, isto é: a possibilidade de se enxergar naquele lugar. Sobre isso, Bárbara Sousa afirma:

É devido à representatividade que nos sentimos pertencentes a um grupo, sem querer negar nossa própria identidade para sermos aceitos por outras pessoas. A importância de nos vermos sendo representados por uma única pessoa ou um grupo na mídia, causa em nossas características, sejam elas físicas, comportamentais ou socioculturais, um afeto maior. E sentir-se pertencente a um grupo facilita a troca de experiências, impressões e sentimentos, transformando a convivência de indivíduos numa sociedade mais harmônica e respeitosa. (SOUSA, 2020, p. 30)

A escola é o espaço em que apresentamos a sociedade para uma criança. Nesse sentido, é nela que a criança aprende a ser cidadã no mundo, a olhar para as pessoas à sua volta e praticar o respeito e a democracia. Assim, a construção escolar tem bastante a ver com representatividade. Quanto mais as minorias são representadas na escola, mais comum é a existência dessas pessoas no lugar que elas quiserem.

Isso não é apenas sobre mulheres na Filosofia, mas também sobre representação de pessoas negras, indígenas, orientais, com deficiência, LGBTQIAP+ e qualquer outra minoria que exista ou venha a existir. As escolas têm o papel de

tornar comum as diferenças e ensinar a valorização de cada grupo. É claro, as famílias não ficam isentas disso, mas a escola é a instituição responsável por tal.

Citamos:

A escola é um locus fundamental de educação para a cidadania, de uma importância cívica fundamental, não como uma «antecâmara para a vida em sociedade» mas constituindo o primeiro degrau de uma caminhada que a família e a comunidade enquadram (Oliveira Martins, 1992: 41). Deve proporcionar a «cultura do outro» como «necessidade de compreensão de singularidades e diferenças» (Oliveira Martins, 1992: 41), a responsabilidade pessoal e comunitária, o conhecimento rigoroso e metódico da vida e das coisas e a compreensão de culturas, de nações, do mundo. A escola fornece um horizonte mais amplo no qual a criança ou o jovem inscrevem as suas vidas. Daí a importância de uma educação da responsabilidade e do compromisso e, decorrentemente, a necessidade do compromisso social. (VACONCELOS, 2007, p. 111)

Quando insistimos em ensinar para os nossos alunos os mesmos assuntos com as mesmas versões e autores, tudo o que eles conhecerão será aquela narrativa. Ao acrescentarmos outros pontos de vista, diversificando os assuntos e quem trata dos assuntos, o mundo para os alunos aumenta. Descobrir a existência e a possibilidade de fala de outras pessoas, nos faz validar o outro, assim como em um reconhecimento, nos faz validarmos a nós mesmos.

A escola deve ser um espelho da sociedade e, portanto, é da educação e através dela que devemos partir para transformar o mundo à nossa volta. Isso significa dizer que a educação precisa ser o ponto de partida para abolir as desigualdades sociais e tornar a vida de todos significativa, validada e respeitada. Para que isso aconteça, devemos aprender como fazer isso se tornar real.

Sobre os adolescentes, ou seja, alunos do ensino médio, é importante frisar que é na escola que eles continuam a aprender sobre os seus direitos e deveres como membros de uma sociedade democrática. Sendo assim, como já mencionado, a escola deve promover a participação, o diálogo, a reflexão, a crítica e a colaboração entre os estudantes, devendo ser um espaço de abertura e diversidade, onde os adolescentes possam expressar suas opiniões, identidades e culturas.

Para além disso, vale pontuar que a cidadania na escola não se resume a um conteúdo curricular, mas sim a uma prática cotidiana que envolve toda a comunidade

escolar. Aqui entra o papel dos professores na educação e nas escolas. É preciso lembrar que o professor é aquele que está, muitas vezes, apresentando os assuntos educacionais para os alunos. Ele é, portanto, uma espécie de representante da sociedade, que está apresentando a sociedade para os estudantes e tudo que está dentro do seu alcance para os alunos.

Além disso, cabe ao professor estimular novos aprendizados, garantindo uma educação de qualidade e atualizada. Cabe ao professor também, defender uma educação inclusiva - e aqui não falamos apenas sobre pessoas portadoras de alguma deficiência, mas sim de qualquer minoria (como as mulheres) -. Sobre isso, Mantoan nos diz:

A inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional que, por sua vez, abala a identidade dos professores e faz com que a identidade do aluno se revista de novo significado. O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, sem identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais (MANTOAN, 2003, p. 20)

A representatividade entra aqui como uma necessidade de apresentar novas possibilidades para os alunos. Se cada vez mais temos professoras filósofas em sala de aula, esse lugar passa a ser encarado como comum pelos alunos. Da mesma forma, se os livros e materiais didáticos passam a representar mulheres filósofas, esse lugar também será comum.

Dessa forma, as mulheres sentirão que pertencem também à Filosofia e que podem ser filósofas, assim como os homens saberão que as mulheres são tão boas e importantes quanto eles. Para que isso tudo aconteça, é claro, é preciso que os professores comecem a incluir em suas aulas a Filosofia feita por mulheres, permitindo o acesso a elas sobre esses assuntos e, talvez, incentivando-as nessa profissão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS - QUAL O FUTURO DAS MULHERES NA FILOSOFIA?

Ao longo da nossa pesquisa, pudemos perceber que as mulheres sempre fizeram Filosofia, assim como os homens. A diferença é que elas sempre foram

silenciadas, seja no acesso à educação ou seja no reconhecimento filosófico. Como aponta Vitória Fonseca:

Quando falamos do apagamento das mulheres na Filosofia é compreensível pensar que se trata de um absurdo, considerando todo o arcabouço teórico desenvolvido em mais de 2500 anos de história; quando nos lembramos das grandes obras acerca da teoria do conhecimento, de ética, de educação e da política (sem mencionar todas as outras áreas importantíssimas), torna-se difícil acreditar que o apagamento das mulheres é algo existente e palpável. (FONSECA, 2023 , p. 39)

Para mudarmos as realidades das filósofas de cada época na história, foi necessário que elas lutassem incessantemente pelos seus direitos: de estudarem, serem reconhecidas oficialmente pelas suas obras e serem apresentadas na educação escolar. Essas lutas, várias vezes, foram solitárias, isto é: de mulher para mulher, e ainda, de filósofa para filósofa.

Hoje percebemos que:

Não há como modificar a invisibilidade que estas mulheres sofreram em seu tempo, mas para que não permaneçam ocultas no presente e nem no futuro, é necessário questionarmos e ao menos fazê-las visíveis no agora da filosofia. (SILVA, 2014. p. 07)

Isso significa dizer que é urgente a inclusão de mulheres filósofas em livros, aulas, escolas e faculdades. A representação delas precisa existir e ser incentivo para que outras mulheres saibam que também podem ocupar este lugar. É necessário procurar outras formas de fazer justiça histórica às filósofas e às suas teorias, recuperando suas obras, produzindo pesquisas e materiais que reúnam e apresentem essas contribuições, bem como formando grupos de estudo/pesquisa sobre esses temas.

Não podemos mais excluir ou desvalorizar outras formas de se fazer filosofia que fujam do tradicional. É preciso se criticar a filosofia e a educação que sustentam essa visão singular e insistem em não serem plurais e críticas. E isso envolve todos, sejam mulheres ou não. Se antes as mulheres lutavam sozinhas, agora elas contam com toda a sociedade para serem reconhecidas e amplificadas.

No entanto, como afirma Rita Machado, no primeiro volume da coleção As Pensadoras:

[...] apenas dizer que não fizemos parte dessa história clássica de filosofia e que estivemos sempre invisibilizadas não nos parece suficiente. É preciso propor um novo lugar que haja espaço para mulheres; lugar do fazer filosófico feminino no qual o pensamento e os questionamentos múltiplos das mulheres não tenham sua legitimidade questionada enquanto produção de conhecimento. E há um pressuposto razoável nesta questão: o de fundar um cânone feminista. (p. 16)

Dessa forma, ainda que a sociedade não amplifique as vozes femininas, o cânone feminista está cada vez mais forte e produtivo. Assim, com o surgimento, cada vez mais frequente, de livros que falam sobre mulheres filósofas e materiais escolares que tratam mais sobre o tema (embora como vimos, ainda sejam poucos), é esperado que uma mudança filosófica aconteça. Não sabemos “se” e tampouco “em quanto tempo” ser filósofa será tão comum quanto ser filósofo, mas acreditamos, com esse artigo, que estamos caminhando para tal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C. **Quatorze anos de desigualdade: Mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017**. Cadernos de Filosofia Alemã, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.13-33, jan.-jun.2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/155750/154195>. Acesso em: 20 de ago. 2023

ARAÚJO, I. M.. **Em busca das mulheres na filosofia: A participação das filósofas nos livros didáticos de filosofia do Programa Nacional do Livro Didático – 2018**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/36051/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Iron%20Mendes%20de%20Ara%c3%baixo.pdf>. Acesso em: 20 de ago. 2023

AS PENSADORAS. **Coleção As Pensadoras**, vol. 1. Editora As Pensadoras, 2023.

COSTA, Regis. **O ensino de filosofia no Brasil e o contexto da reforma do ensino médio brasileiro em 2016**. Pet de Filosofia UFPR, v. 18, n. 2, agosto 2020, p. 302-329. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/66875> . Acesso em: 21 de ago. 2023

FARHERR, J. **Mary Wollstonecraft e os direitos das mulheres**. Revista DIAPHONÍA, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 170–175, 2017. DOI: 10.48075/rd.v3i2.18645. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/18645>. Acesso em: 19 de ago. 2023

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. **O que os filósofos pensam sobre as mulheres.** Lisboa, Centro de Filosofia, 1998.

FONSECA, V. E. M. **A importância da Representatividade das Mulheres na Literatura e na Filosofia: Um estudo sobre apagamento e autodefinição.** 61f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em Filosofia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/38661/1/AlImport%c3%a2nciaReprese ntatividadeMulheres.pdf> . Acesso em: 30 de ago. 2023

GARCIA, D. A.; PEINHOPF, A. D. R. **Mulheres e Filosofia: Efeitos de um Silenciamento.** Líng. e Instrum. Linguíst., Campinas, SP, v. 23, n. 45, p. 164-189, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8659387/22311>. Acesso em: 19 de ago. 2023

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?.** São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf> . Acesso em: 25 de ago. 2023

MORGANTE, M. M; NADER, M. B. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico.** 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_t extoANPUH.pdf. Acesso em: 23 de ago. 2023

POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL. **Os marcos históricos no ensino e na vida pública da mulher no Brasil.** 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/prf/pt-br/noticias/uniprf/2023/marco/os-marcos-historicos-no-ensino-e-na-vida-publica-da-mulher-no-brasil>. Acesso em: 25 de ago. 2023

SANTORO, F. **A primeira filósofa: o amor à sabedoria da Lira.** Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/archai/a/KjnTGsYsqQWB5DmCQGmRqKS/#> . Acesso: 24 de ago. 2023

SILVA, J. P. B. **Mulher e Filosofia: onde estão as filósofas?** In.: Semana Acadêmica de Filosofia do PPG em Filosofia da PUCRS, 13, 3 a 5 jun. 2014, Porto Alegre. Anais da XIII Semana Acadêmica de Filosofia do PPG em Filosofia da PUCRS. Porto Alegre. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/semanadefilosofia/XIII/15.pdf>. Acesso em: 19 de ago. 2023

SOUSA, B. L. L. **A importância da representatividade para os grupos minoritários: uma revolução na construção de identidades.** 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17617?locale=pt_BR . Acesso em: 21 de ago. 2023

TIBURI, M.; VALLE, B. (Orgs.). **Mulheres, filosofia ou coisas do gênero**. Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Guia Digital - PNLD**. 2023. Disponível em: <https://pnld.nees.ufal.br/>. Acesso em: 23 de ago. 2023

VASCONCELOS, T. (2007). **A importância da educação na construção da cidadania**. Repositório ESEPF. v. 12, p. 109 - 117 Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/714>. Acesso em: 25 de ago. 2023

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos direitos das mulheres**. Tradução e notas de Andreia Reis do Carmo. São Paulo: EDIPRO, 2015. Acesso em: 24 de ago. 2023